



## **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã**

de 08 a 10 de outubro 2025  
Universidade Federal do Tocantins

### **MULHERES SEMENTES DA TERRA: COMUNICAÇÃO CIDADÃ DE MULHERES EM DEFESA CORPO-TERRITÓRIO NA AMAZÔNIA MARANHENSE<sup>1</sup>**

Larissa Pereira Santos – Universidade Federal do Pará

#### **RESUMO**

Este trabalho busca refletir sobre a comunicação cidadã de mulheres da Associação Mulheres Sementes da Terra em defesa do corpo-território afetados pela mineração e o agronegócio no município de Açailândia, Maranhão. Com uma abordagem qualitativa, observação participante, entrevistas dialogadas e pesquisa bibliográfica queremos compreender como as integrantes da Associação Mulheres Sementes da Terra se organizam com práticas comunicativas cidadãs para defenderem territórios e corpos dos impactos da mineração e do agronegócio. Nos baseamos na construção do pensamento epistêmico de mulheres indígenas feministas comunitárias (Cabnal, 2010) entendendo o trabalho feito pela Associação como uma ação feminista comunitária e contrahegemônica.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Comunicação cidadã; Mulheres Sementes da Terra; Corpo-território; Amazônia;

#### **1 INTRODUÇÃO**

A Associação Mulheres Sementes da Terra (AMST) é uma organização de cerca de 30 mulheres, jovens e meninas residentes de assentamentos da reforma agrária localizados no sudoeste do estado do Maranhão, na área rural do município de Açailândia. São mulheres que se articulam desde 2018 com o objetivo de promover a formação e a participação política em comunidades rurais da região Novo Oriente, realizar ações de cuidado, denunciar violações aos direitos humanos e da natureza e incidir sobre políticas públicas que garantam a permanência de famílias assentadas rurais em suas comunidades.

A região Novo Oriente é uma área rural do município de Açailândia composta por assentamentos e acampamentos, os quais tem vivenciado nos últimos cinco anos um avanço considerável da produção agrícola. Fazem parte dessa região os assentamentos João do Vale, Francisco Romão, Planalto 1, e o acampamento Agroplanalto.

É no assentamento Francisco Romão que se localiza a sede da Associação Mulheres Sementes da Terra, onde as mulheres se reúnem mensalmente para discutir as demandas que elas consideram importantes. A realidade em que essas mulheres estão inseridas é caracterizada pelo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT1 – Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

avanço do agronegócio com conflitos envolvendo a compra de lotes de terra, arrendamentos e contratos florestais para o plantio de soja e eucalipto. Além disso, todos os assentamentos mencionados são impactados pela passagem da Estrada de Ferro Carajás (EFC), ferrovia usada pela mineradora Vale S.A. para o escoamento de minérios, grãos e combustíveis e que atravessa os estados do Maranhão e do Pará.

Diante desse contexto, nossa pesquisa busca refletir sobre a comunicação cidadã das mulheres da Associação Mulheres Sementes da Terra (AMST) em defesa do corpo-território afetados pela mineração e o agronegócio em assentamentos rurais, localizados no município de Açailândia, Maranhão. Os objetivos que guiam nossa reflexão são: Compreender como as mulheres da AMST se organizam para pautar suas demandas e cobrar por políticas públicas e direitos; Identificar as práticas de comunicação cidadã utilizadas na organização da Associação e como elas contribuem para a conquista de direitos; Compreender como a dimensão do corpo-território é sentida e usada enquanto uma ação comunicativa, feminista comunitária e contrahegemônica.

Consideramos a relevância dessa pesquisa justificada pela necessidade de abordagens que discutam experiências comunicacionais que ampliam o direito a palavra (Amorim, 2023) a participação popular na comunicação e o contexto de comunidades locais que se organizam em torno de uma sociedade mais justa e humanitária, tendo a comunicação cidadã como base de suas práticas de transformação (Peruzzo, 2005).

A Associação Mulheres Sementes da Terra está dentro dessa necessidade, uma vez que se constitui como um coletivo que luta por direitos, anuncia formas de vida em respeito à natureza e ao bem viver (Baspineiro, 2024) e problematiza o modelo de organização que temos hoje na sociedade capitalista. Assim, é fundamental entender tal organização, divulgar suas ações e colocá-la dentro do debate comunicacional.

## **2 METODOLOGIA** (métodos e técnicas utilizados)

Para dar conta dos objetivos propostos, esta pesquisa contará com uma abordagem qualitativa que busca compreender as práticas de sujeitas envolvidas em processos de violações aos direitos humanos e da natureza, mas que anunciam modos de vida com suas ações comunicativas. A observação participante vai ser útil uma vez que a pesquisa busca identificar formas de organização, práticas de comunicação, relações estabelecidas entre sujeitas que além de questionadas necessitam de organização.

Além disso, vamos realizar entrevistas dialogadas com as mulheres associadas da AMST a fim de entender seus pontos de vista, interpretações e análises dos contextos onde elas estão inseridas. Com isso queremos construir um saber coletivo, fruto de diálogo e da importância do

lugar que cada sujeita assume no anúncio de suas ideias. O nosso exercício metodológico vai consistir em:

enfrentar a resistência da realidade, cercá-la com nossa problematização e ser capaz de perceber alguma coisa ali que, por mais modesta e singular, antes não era claramente percebida, agora encontra um esclarecimento produzido por nosso trabalho investigativo, de observação sistemática, de questionamentos, de articulação adequada entre os fundamentos teóricos acionados e as dúvidas postas pela construção do objeto (Braga, 2011).

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico que vai amparar esta pesquisa se respalda na comunicação enquanto processo de interação social, a comunicação enquanto direito humano e prática de emancipação e do Bem Viver, por isso autores e autoras como Peruzzo (2005,), Baspineiro (2014), Freire (1981, 1987), Amorim (2023) dentre outros, são importantes para garantirem o debate comunicacional que alimenta as discussões tratadas aqui.

As mulheres da Associação Sementes da Terra estão a frente de processos de denúncias, lutas e resistências e por isso seus corpos estão colocados a frente no embate com empresas, fazendeiros, sojeiros e outros atores inseridos nos contextos de suas comunidades. Ao entender a interseccionalidade entre as lutas dessas mulheres, a defesa do território e os seus corpos, vamos nos aportar nas discussões sobre corpos, territórios e feminismos a partir das contribuições de Lorena Cabnal (2010, p. 22) acerca do pensamento epistêmico de mulheres indígenas feministas comunitárias que “implica la recuperación consciente de nuestro primer territorio cuerpo, como un acto político emancipatorio y en coherencia feminista con “lo personal es político”, “lo que no se nombra no existe”.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Pensar a partir dos corpos de quem faz uma comunicação cidadã vai ser importante para estudar a forma como territórios afetados pela exploração mineral e pelo agronegócio, como é o caso do território onde estão as mulheres da Associação Mulheres Sementes da Terra são apropriados pela lógica de grandes empresas e empresários. Esta pesquisa não está concluída e por isso podemos apenas fazer apontamentos de discussões.

podemos apontar o fato de que territórios apropriados pelos projetos de mineração como o exemplo trazido aqui são também territórios onde as mulheres estão fazendo resistências e processos de comunicação e cidadania. Elas tem a comunicação enquanto um direito humano (Peruzzo, 2005), quando elas fazem tais movimentos seus corpos femininos sentem primeiro os impactos de grandes empreendimentos como a Estrada de Ferro Carajás.

A organização em associação feita por mulheres é uma estratégia de anúncio e denúncia que critica o machismo e o patriarcado inscrito nas dinâmicas dessas comunidades, uma vez que as mulheres não veem suas demandas atendidas por outras associações que não uma específica de mulheres e meninas. Assim, luta-se também contra a (re) patriarcalização dos territórios (Herznadez; Jimenez, 2020).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preliminarmente, consideramos que quando mulheres se articulam coletivamente em torno de uma mesma causa e contra sistemas de opressão, não é apenas o teor das manifestações que elas fazem que aparece, aparece também o fato de elas serem mulheres, aparece a raça, aparece a classe como características centrais nos processos de opressão. No sistema capitalista no qual vivemos esses elementos são também motivos pelos quais se constituem os processos de opressão (Collins, 2019; Ferdinand, 2022).

Nossa pesquisa compreende que ao ir contra processos de opressão as mulheres da AMST se torna construtoras de histórias e de saberes (Freire, 2020) que geram a conquista de direitos e o usufruto de políticas públicas; com o trabalho de ativismo político feminista elas defendem não só o território mas o direito de existir enquanto mulher nele; Quando um coletivo se movimenta contra qualquer tipo de violência torna-se um movimento contra hegemônico capaz de transformar a sociedade através de suas práticas comunicativas.

## Referências

AMORIM, Célia. Da pronúncia da dominação às pronúncias existências amazônicas como constituintes do bem viver coletivo. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação 32º Encontro Anual da **Compós**, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo - SP. 03 a 07 de julho de 2023.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. E-compós, Brasília, v.14, n.1, jan./abr. 2011.

FERDINAND, Malcon. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu editora, 2022.

FREIRE, Paulo. **Comunicação ou extensão?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 74ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

PERUZZO, C. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 2, n. 3, p. 18-41, jul./dez. 2005.

SANTOS, Larissa Pereira; AMORIM, Célia. Comunicação cidadã na Amazônia brasileira: em defesa das atingidas e dos atingidos pela Vale S.A. **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación N.º 140, abril - julio 2019. (Sección Monográfico, pp. 179-194).

HERNÁNDEZ, Delmy Tania Cruz; JIMÉNEZ, Manuel Bayón. **Cuerpos, Territorios y Feminismos**: Compilación latinoamericana de teorías, metodologías y prácticas políticas. Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo (Coords.). Quito-Ecuador, enero de 2020.